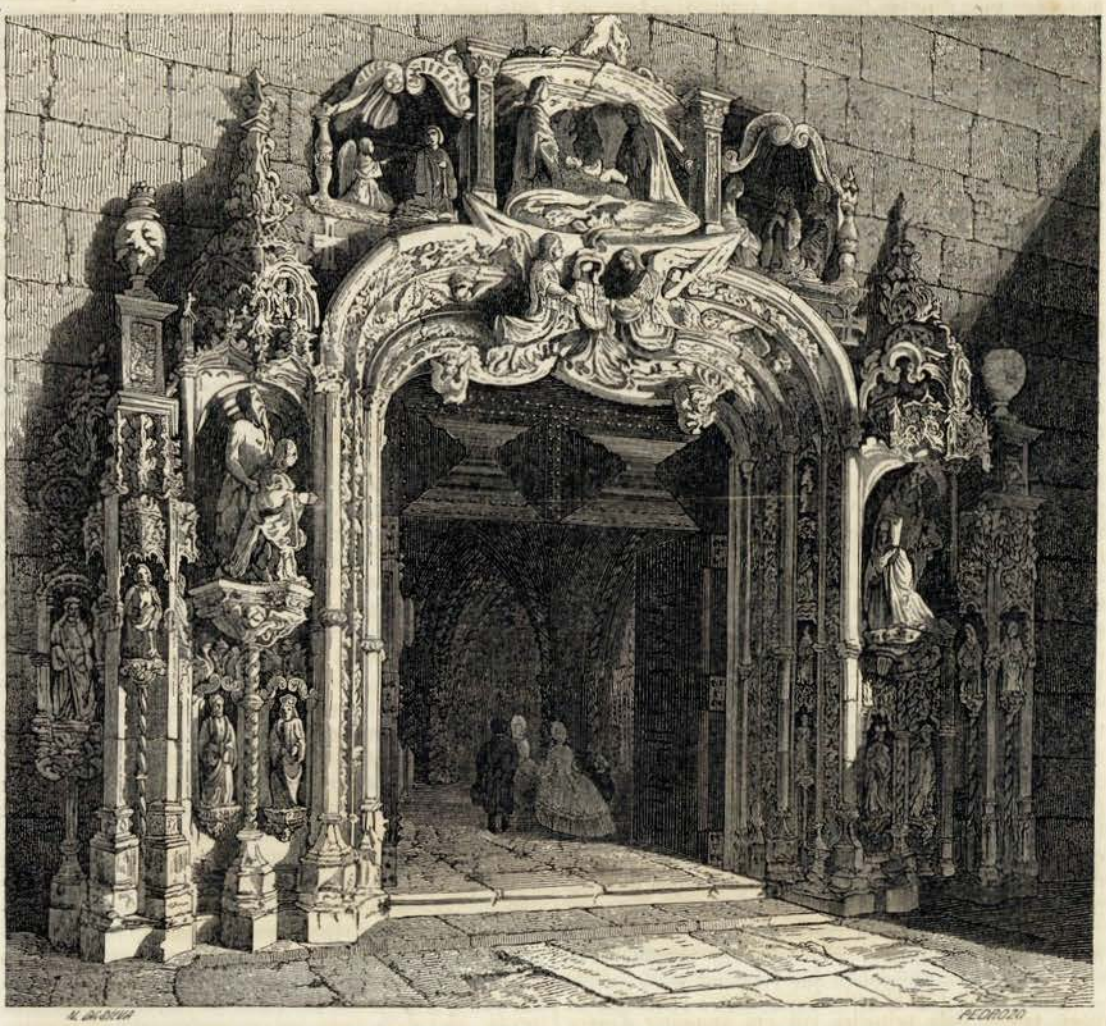


Porta principal da egreja de Santa Maria de Belem

Quasi todos os nossos monumentos historicos e edificios publicos estão incompletos, ou adulterados com mesquinhos remendos. Alguns, muitos infelizmente, mostram, estampado na sua fronte veneranda, esse duplo ferrete que lhes lançaram o nosso proverbial desleixo, e a nossa barbarie em materias de arte. Nunca houve especie alguma de respeito entre nós, quer por acatamento a Deus, quer por consideração á patria, que salvasse d'essas injurias os padrões da nossa piedade e da nossa gloria. A censura não cabe sómente á geração actual; quadra egualmente ás gerações passadas. O mal é tão antigo, e tão inveterado em nossos costumes, que bem se póde classificar como defeito nacional. Que longa resenha poderiamos fazer de obras grandiosas deixadas em meio, e de monumentos historicos torpemente mascarados, se quizessemos provar com exemplos o que asseverâmos. Bastará, porém, um exemplo, pois é tal que falla por todos!

Houve uma epocha em que Portugal tomou o passo a todas as nações no caminho do progresso humanitario. E n'essa epocha houve um facto todo seu, seu no pensamento e na execução, arrojadissimo no commettimento, incommensuravel na sua influencia sobre o mundo, um facto, em fim, que abriu de par em par as portas á moderna civilisação.

A epocha foi todo o seculo XV; o facto foi o descobrimento da India, que tão gloriosamente fechou o seculo.

O soberano, a quem a Providencia permittiu que exornasse a sua coroa com tão brilhante aureola, determinou commemorar o favor da Providencia e a façanha dos seus subditos, com uma fundação que honrasse a Divindade como logar de seu perenne culto, e que fosse digna da nação pela grandeza e pela arte. E no dia 21 de abril de 1500 lançava el-rei D. Manuel a primeira pedra no mosteiro de Nossa Senhora de Belem, no proprio logar onde D. Vasco da Gama embarcára, quasi tres annos antes, para ir devassar mares ignotos, até levantar o véo que encobria aos olhos da Europa as tão suspiradas costas da India.

Soube corresponder o architecto á alteza do feito que ia perpetuar no monumento, ao animo magnifico do soberano que lhe commettia tão ardua tarefa, e aos brios e espirito elevado d'este povo, cuja gloria lhe era dado descrever em livro de marmore. Traçou com tão largas dimensões o padrão do descobrimento da India, e delineou-lhe tantos e tão diversos ornatos, qual mais exquisito e delicado, que não podia bastar um reinado para começar e acabar simillhante fabrica.

Ao cabo de vinte e um annos de trabalhos sempre constantes, e de esforços que nunca afrouxaram, veiu a morte colher o fundador no meio da sua obra, e na edade em que ainda são razoaveis as esperanças da vida. El-rei D. Manuel, morrendo, legára a seu filho e successor uma alta missão, espinhosa e pesada, mas honrosissima, a missão de sustentar com mão firme, a não poder dilatar ainda mais, o imperio lusitano, que elle fundára com largas raizes nas quatro partes do globo então conhecidas. E entrava tambem no legado, como parte integrante d'elle, continuar e rematar o monumento da inauguração d'esse imperio, a chronica marmorea d'aquelle reinado, onde o cinzel do esculptor estava desenhando, com toda a poesia da arte, as audaciosas emprezas do *rei afortunado*, e a gloria sem par d'esta nação.

Raras vezes succede aos fundadores de imperios ou dynastias quem sustente o lustre do seu nome, e lhe conserve a obra na mesma altura e esplendor. El-rei D. João III foi um principe virtuoso, um digno chefe de familia, cidadão exemplar e patriota, mas não o dotou Deus com as qualidades de um grande monarcha; recusou-lhe, pelo menos, as que eram mais essenciaes á sustentação da sua pesadissima coroa. A grandeza do encargo que seu pae lhe commettêra, fazia perfeito contraste com a sua abnegação e desapego das vaidades do mundo. E assim tambem contrastavam a sua modestia, brandura de caracter, e irresolução de animo, com a altivez de pensamentos, e arrojo de execução, que constituiram a indole dos reinados de D. João I, de D. João II, e ainda de D. Manuel.

Não se encontra, talvez, na historia das nações outro soberano, como D. João III, que, sendo tão bondoso e justiceiro, lhano de trato, e de viver tão singelo, assim deixasse por sua morte, lançados á terra por suas proprias mãos, os poderosos germens de destruição, que produziram, vinte e tres annos depois, a quéda do glorioso throno em que se sentára, e a perda da independencia da briosa nação, a cujos destinos presidíra.

Deixando caír da sua coroa quatro joias das que mais a adornavam pelo vivo fulgor de passadas glorias [1], resfriou o estimulo a que Portugal devia os seus grandes triumphos; e afrouxou aquelles laços moraes que mais prendem as metropoles ás colonias, fazendo prever aos mais sagazes, e tambem aos mais timidos, uma proxima epocha de decadencia para a colossal monarchia de D. Manuel.

Introduzindo a inquisição em seus estados de Portugal e da India, com reluctancia do proprio papa, mas em subserviencia do espirito fanatico de seu irmão, o cardeal infante D. Henrique, accendeu as fogueiras que despovoaram o reino e as conquistas da parte mais industriosa e mais rica dos seus habitantes, e que fizeram o nome portuguez, de respeitado e bemquisto que era, odioso na Europa e na Asia.

Admittindo os jesuitas, a instancias do mesmo cardeal infante, seu irmão, lançou no coração do paiz aquella fatal semente de zizania, de que nasceram tantas discordias no reino e nas possessões d'alémmar, tamanhas intrigas e anarchia nas elevadas regiões do poder, e tão grandes projectos de ambição, de que brotaram, em fim, os tenebrosos planos liberticidas, que entregaram a patria aos ferros estrangeiros.

Finalmente dando sua filha, a infanta D. Maria, em casamento ao primogenito do imperador Carlos V [2], ao herdeiro do throno e da ambição do soberano, que então pensava em realisar o sonho de uma monarchia universal; dispondo d'est'arte da mão da princeza contra o parecer das pessoas mais auctorisadas do seu conselho, que, cheias de apprehensões sinistras por verem a numerosa prole de D. Manuel, e do proprio D. João III, ir-se extinguindo rapidamente, queriam assegurar a successão do throno, casando a dita infanta com seu tio, o infante D. Luiz; el-rei fechando os ouvidos a estes conselhos leaes e prudentes, contribuiu para essa catastrophe da extincção da familia real, que deu pretexto a D. Filippe II para invadir Portugal, e escravisar os portuguezes. [1]

A estrella de Portugal começou, pois, a offuscar-se, logo que D. João III subiu ao throno; e, não obstante refulgir de vez em quando com o brilhante reflexo das nossas victorias no Oriente, caminhava com rapidez para o occaso. Em vão praticavam seus filhos mil acções de valor e de coragem em toda a parte onde fluctuavam as quinas portuguezas; debalde se esforçavam alguns heroes para travar da roda da fortuna, que nos desandava apressada.

Decorrido algum tempo, o imperio lusitano abalado em seus fundamentos, ferido já no coração, luctou entre a vida e a morte no resto d'aquelle reinado, mas luctou como gigante, protrahindo a existencia, apesar dos elementos deleterios que lh'a minavam; arcando peito a peito, não sómente com os seus inimigos naturaes, porém ainda mais, peior cem vezes, com o cancro que lhe corroía as entranhas — o fanatismo, as ambições clericaes, as intrigas latentes de Castella, as desordens e fraqueza que se tinham introduzido nas molas governativas do estado, e que se iam inoculando de dia para dia no proprio corpo social.

A doença de que enfermava o imperio de D. Manuel estendeu a sua malefica influencia sobre o monumento commemorativo da sua inauguração, ainda em obras.

Se os monumentos são como espelhos em que se retrata o viver da nação que os levanta, em que se imprimem com fiel exactidão a sua indole e costumes, as suas idéas e aspirações, as suas venturas e desditas; não podia o mosteiro de Santa Maria de Belem deixar de mostrar em si as novas feições da epocha, a variação e incerteza das idéas, certa incongruencia de principios na esphera da politica, certa discordancia e frouxidão no regimen do estado, a lucta já occulta, já aberta entre as altas influencias do paiz, o termo dos nossos tempos heroicos, o cunho, em fim, da precoce decadencia da monarchia.

O mosteiro de Belem apenas tem construido um

[1] Alcacer, Arzila, Cafim, e Azamor.

[2] O principe D. Filippe, depois segundo do nome entre os reis de Hespanha.

[1] El-rei D. Manuel teve 9 filhos e 4 filhas; e D. João III 3 filhas, 6 filhos legitimos, e 2 bastardos. Na occasião do consorcio da infanta D. Maria com o principe de Castella, D. Filippe, só existiam d'esta tão numerosa familia os seguintes membros: 1 filha e 3 filhos delrei D. Manuel, que eram a infanta D. Maria, os infantes D. Luiz, e D. Henrique, cardeal, e el-rei D. João III; e um filho unico d'este monarcha, o principe D. João, que falleceu de pouco mais de 16 annos de edade, deixando a princeza D. Joanna, sua esposa, gravida del-rei D. Sebastião.

No curto periodo de 9 annos, de 1534 a 1543, morreram o infante D. Fernando, duque da Guarda, a infanta D. Beatriz, duqueza de Saboya, a infanta D. Isabel, mulher do imperador Carlos V, o infante D. Affonso, cardeal e arcebispo de Lisboa, e o infante D. Duarte, duque de Guimarães, filhos del-rei D. Manuel; o principe D. Manuel, os infantes D. Filippe, D. Diniz, e D. Antonio, filhos de D. João III, bem como os dois bastardos d'este rei, D. Manuel, e D. Duarte, que foi arcebispo de Braga, e que falleceu de 22 annos, durante as festas do casamento da infanta D. Maria, sua meia irmã.

Tocando n'este ponto importante da nossa historia, devemos referir uma passagem que mostra ao mesmo tempo a independencia e patriotismo dos conselheiros da coroa, n'aquella epocha, e a liberdade com que fallavam ao soberano sobre os negocios do estado.

Mandára D. João III chamar ao paço os seus conselheiros para se tratar do casamento de sua filha, a infanta D. Maria, com o principe D. Filippe de Castella. Quasi todo o conselho foi de parecer contrario a esta alliança pelas razões que expozemos, entendendo que se devia casar aquella princeza com o infante D. Luiz, seu tio. A rainha D. Catharina, que se achava presente, mal soffrida por ver que lhe contrariavam os desejos e a brilhante posição que sua filha ia occupar, dirigindo-se aos do conselho com ar firme e resoluto, disse-lhes: *El-rei meu senhor nao vos chama para conferir se o casamento se deve fazer, ou nao, que esse ja esta feito; senao com que condiçoes deve fazer-se.* Seguiram-se alguns instantes de silencio, depois ergueu-se o marquez de Villa Real, e, com aquelle aspecto grave e auctorisado pela sua origem real, pelas suas cans e serviços publicos, respondeu voltando-se para a rainha: *Pois aquelles com quem sua alteza se aconselhou para o casamento, com esses mesmos se aconselhe para as condiçoes d'elle.*

terço da planta que o architecto traçára, e que devia ser executada. Ainda o tempo não tinha podido escurecer a alvura do marmore, e já os frades, sem esperança de verem continuar o convento, começavam a destruir a symetria da fachada principal, rompendo ou tapando as rendas que a coroavam, para lhes sobrepôr aqui e alli mais uma cella de mesquinha construcção; vandalismo que ao diante se exerceu em maior escala. E ao templo quebrou-lhe a harmonia o seu continuador, e desfigurou-lhe as feições, cirzindo ás phantasiosas invenções do gothico-florido as lisas molduragens da architectura classica.

El-rei D. João III ainda concluiu o cruzeiro da egreja tal qual o deixára começado e adiantado el-rei seu pae; porém, ao lançar os fundamentos da capella-mór, repelliu com desdem a traça primitiva, rejeitou a parte mais bella e sumptuosa da planta geral do edificio, a que o architecto adornára com maior graça e primor, com mais poesia de brincados relêvos, com mais significativa expressão de emblemas e divisas. [1] Repelliu-a não só por enlevado na belleza e novidade da architectura classica, que o renascimento do gosto pelas artes da antiga Grecia plantára na Europa havia pouco, e que então principiava a introduzir-se em Portugal; rejeitou-a tambem, e talvez, quem sabe? podessemos dizer «principalmente» por aquelle impulso secreto e desconhecido que, nas epochas de transição que os povos atravessam nas suas transformações sociaes, impelle de ordinario os governos fracos a caminhar ao acaso, mal conhecedores do terreno que pisam, inferiores por conseguinte á sua missão, e como taes indecisos e perplexos pelo desvairamento das suas idéas, e contradictorios pela incoherencia de seus principios.

A architectura classica, já o temos dito, e repetimos ainda, creou n'outros paizes muitos modelos do bello em todas as derivações da arte, erigindo monumentos esbeltos e nobres no talhe, graciosos e correctos em cada uma de suas partes, e decorados ricamente, mas sem superfluidade de ornatos. E quem não dirá, vendo a capella-mór da egreja de Belem, que a arte e o bom gosto foram alli sujeitados por uma pressão moral, que os desfigurou e perverteu? Quem não verá estampados n'aquella massa informe exterior, e na triste monotonia interior, a oppressão do santo officio sobre as consciencias, o peso da intervenção jesuitica na educação popular, a lucta prolongada e tenaz d'estas duas sinistras influencias, que aspiravam ao dominio absoluto do rei e do estado? Quem não julgará poder ler n'essas pedras, tão desgraciosamente accumuladas, a historia d'aquellas intrigas e combates entre os nossos governadores d'álem-mar, e d'aquellas suggestões e conflictos entre os mesmos governadores e os missionarios da companhia de Jesus; discordias estas, que foram o preludio, e uma das causas efficientes do descredito do nosso nome, e do enfraquecimento do nosso poder?

Os que forem lidos em a nossa historia, e contemplarem o monumento manuelino, epopéa artistica das glorias de Portugal, a par, e intimamente unido, á capella-mór de D. João III, parecer-lhes-ha ver na fórma externa da ultima, quasi de fortaleza, o prognostico da escravidão dos portuguezes. E não irão longe da verdade, porque, em quanto se levantavam aquellas paredes, tramava o imperador Carlos V a usurpação da coroa portugueza. [1]

Porém, não foi sómente com a obra da capella-mór, que adulteraram e desfiguraram o monumento gothico. Posteriormente commetteu-se ainda maior barbarismo na frontaria principal do templo.

Ornava-se esta frontaria com um portico de elegante fabrica e de soberbos lavores, entre duas grandes janellas, guarnecidas de muita diversidade de esculpturas. Sobre o portico abria-se um oculo ou janella circular, decorada com todo o luxo da architectura gothica. Devia terminar esta fachada em duas torres esbeltas e graciosas, compostas de dois corpos oitavados, o primeiro mais singelo, o segundo muito ornado, e coroado por alto coruchéo pyramidal, todo aberto em rendas delicadas, com exquisitos lavores onde escasseavam os arrendados. Por baixo das torres havia duas janellas, na altura do côro, tambem com seus lavores.

Ficára incompleta esta frontaria. Quando as obras pararam, uma das torres tinha construido só o primeiro corpo, e a outra apenas estava principiada, faltando as rendas, ou grades, e mais ornatos que deviam ligar as duas torres.

Esta fachada olhava para o oeste, ou occidente, e deitava para um pouco espaçoso adro, guarnecido pelo lado do norte com a portaria do mosteiro, e pelo lado de oeste com uma frente do dormitorio, que se prolonga com o templo, na qual havia uma grande janella conventual, em correspondencia com a porta da egreja. Pelo lado do sul era o adro aberto e franco ao publico.

Devia compôr-se o mosteiro, conforme o risco do architecto, de um edificio de hospedarias, de quatro dormitorios, correndo em volta de um grande claustro, que devia ficar por detraz das hospedarias, e de outro claustro por detraz da egreja, além das mais officinas. Porém como de todas estas obras projectadas, apenas se construissem o segundo claustro, e o edificio das hospedarias, com frente para o Tejo, approveitou-se este para accommodação dos frades, convertendo-se em dormitorio. Mas d'este modo ficaram os frades sem passagem para o templo por dentro do convento, sendo obrigados, para assistirem aos officios divinos, a descer a um pateo para depois entrarem na portaria, e d'esta passarem á egreja pela porta principal, ou por uma porta que abriram no claustro com serventia para o cruzeiro da egreja.

Attendendo em fim ás repetidas representações dos frades, que não cessavam de expor os incommodos que soffriam por similhante falta, construiu-se primeiramente um passadiço provisorio, e mais tarde determinou o governo acabar com o pequeno adro do templo, cobrindo-o com abobada, e edificando sobre esta uma sala que servisse de communicação aos frades

[1] Um frade de S. Jeronymo, chamado, se nos não falha a memoria, fr. Thomaz do Espirito Santo, que vivia no convento de Belem em tempo de D. João III, escreveu uma historia d'este mosteiro, descrevendo minuciosamente não só o que elle via acabado, mas tambem tudo o que restava por fazer, segundo o primeiro e grandioso plano da obra. Não saiu á luz esta curiosa historia. No meiado do seculo passado pertencia o manuscripto original á bibliotheca do conde de Vimieiro, que era uma das mais ricas e selectas do nosso paiz, sobre tudo em manuscriptos raros de historia patria. Infelizmente desappareceram todas essas preciosidades pelo terremoto de 1755, e não tardou a extinguir-se tambem a illustre familia que as possuia. De muitas d'essas producções originaes apenas resta, para memoria, o catalogo de parte d'aquella livraria, publicado pela academia real de historia no primeiro quartel do seculo passado.

Da *historia e descripção do mosteiro de Santa Maria de Belem*, por fr. Thomaz do Espirito Santo, tivemos, ha annos, em nosso poder por alguns mezes uma cópia, mandada tirar do original, pelo pae da pessoa que nos emprestou esse curiosissimo manuscripto. Reuniu este individuo uma livraria copiosa, e tambem rica de obras raras e manuscriptos, mas tudo isto teve quasi a mesma sorte da do conde de Vimieiro, desbaratando-se, e perdendo-se, talvez, o melhor peculio d'esse thesouro historico, não pelo terremoto, mas sim modernamente, depois da morte do ultimo possuidor. Entre nós é rarissimo, por grande desgraça, que uma collecção qualquer, scientifica ou artistica, passe por herança, e se conserve em terceiro possuidor. Além d'aquella historia tambem vimos e consultámos em tempos anteriores, quando escreviamos o nosso *Universo Pittoresco*, (1839 a 1844), uma chronica da ordem de S. Jeronymo, manuscripta, mui noticiosa, que pertenceu á livraria do convento de Belem, e que, pela extincção d'este, foi levada com outros papeis importantes, escripturas de aforamentos pela maior parte, para a repartição do thesouro publico. Não sabemos se ainda alli se conserva. Talvez que sim, ignorada e inutil.

[1] D'esta occulta e infructuosa tentativa, que é pouco conhecida, foi primeiro agente Luiz Sarmento de Mendonça, embaixador de Carlos V, o qual ajustou o casamento da infanta D. Maria com o principe D. Filippe. Mais tarde foi segundo agente e emissario o padre jesuita, S. Francisco de Borja, que veiu tres vezes a Portugal, sob pretextos religiosos, mas com o encargo secreto de promover os interesses ambiciosos, primeiramente de Carlos V, e depois de Filippe II.

para o côro de cima. Transformou-se em porta a janella conventual do dormitorio, e abriu-se outra por baixo do oculo acima referido, o qual se desfez, construindo-se no seu logar uma janella rasgada para dar mais luz ao côro.

D'esta maneira mascararam e estragaram completamente a frontaria principal do templo. A abobada cortou pelo meio uma das duas grandes janellas que se abriam aos lados da porta. A outra foi desfeita para se trazer mais para diante a parede da portaria. E a formosa porta da egreja, cuja cópia damos em gravura, ficou como esmagada pela mesma abobada, que tambem lhe cortou muitos ornatos que subiam a maior altura, obrigando a rebaixar e modificar outros.

Esta obra vandalica pertence ao reinado de D. Pedro II, e concluiu-se nos fins do seculo XVII.

Entrando o portico, que serve de vestibulo, vê-se á direita um altar de pedra, por cima do qual está um oratorio envidraçado do Senhor Jesus dos Navegantes. O oratorio tapa, não de todo, parte de uma das janellas que deixámos mencionadas. A outra parte da janella, que é a superior, foi cortada pela abobada do dito portico, ou vestibulo. Dizem que foi n'aquelle proprio altar que se disse a missa a que assistiu Vasco da Gama, e seus companheiros, no dia 8 de Julho de 1497 em que embarcaram para a sua aventurosa viagem, sendo acompanhados d'alli até á embarcação processionalmente por muitos padres e grande concurso de povo. Entre os sacerdotes contavam-se os freires da ordem de Christo, que administravam a ermida de Nossa Senhora do Restello, e o hospital dos mareantes, fundados n'aquelle logar pelo illustre infante D. Henrique, filho de el-rei D. João I.

Dentro, pois, da portaria, outr'ora adro, fica á direita de quem entra, a porta principal da egreja de Santa Maria de Belem. O arco é guarnecido de nichos com estatuas, e muita variedade de relêvos, tendo na parte mais alta o escudo das armas reaes sustentado por dois anjos. Sobre a porta estão tres quadros, representando, o do meio, o *nascimento de Jesus Christo*, o da esquerda a *Annunciação*, e o da direita a *Adoração dos Reis*. Estes quadros foram alterados e estragados por occasião de se fazer a abobada. Aos lados da porta avultam, mettidas em nichos, as estatuas del-rei D. Manuel e da rainha D. Maria, sua segunda mulher, ambas de joelhos, e em oração. A del-rei, do lado esquerdo de quem entra no templo, tem junto a si S. Jeronymo, de pé; e a da rainha S. João Baptista, tambem de pé. As peanhas e columnas torcidas que sustentam as estatuas, e os baldaquinos rendilhados que as cobrem, são de um trabalho engenhoso e delicado. Por baixo estão mettidas em nichos as estatuas dos quatro evangelistas.

Seguem-se a toda esta obra de esculptura dois botareos cobertos de lavores, e com as estatuas de S. Pedro, S. Paulo, e outros apostolos, collocadas em nichos, com baldaquinos curiosamente arrendados e lavrados. Estes botareos subiam a muita altura antes da construcção da referida abobada. Cortando-lhes mais de metade, remataram-n'os com umas urnas com seus pedestaes, que desdizem completamente da architectura da porta. Em seguida aos botareos ainda se vêem mais duas estatuas de santos em nichos, e sobre peanhas sustidas por delgadas columnas, tudo egualmente adornado de silvados, arabescos, e outras imaginosas invenções.

Do interior do templo, e do claustro, já os nossos leitores tem noticia pelas gravuras e artigos publicados a pag. 1 e 249 do vol. VI; e da magnifica e celebre custodia dada ao mosteiro por el-rei D. Manuel, a pag. 241 do vol. II. Continuaremos n'este empenho de fazer conhecidas, pela gravura, todas as bellezas de arte d'este riquissimo monumento.

I. DE VILHENA BARBOSA.

INYALA

Este quadrupede é uma especie do genero dos *antilopes*, pertencente, por conseguinte, á ordem dos *ruminantes*. Habita no interior da Africa, nos territorios povoados de florestas e cortados de rios. É de côr parda escura na parte superior do corpo, levemente raiada de branco tão resplandecente como prata, em listas transversaes. O ventre é mais claro, quasi fouveiro, e guarnecido, como todo o pescoço, de pellos mais longos que os do resto do corpo. Isto diz respeito aos machos, pois que as femeas, além de serem mais pequenas, e sem armas, como as corças, a que muito se assimilham, tem o pello curto e todo egual.

Vivem as inyalas em sociedade, andando em numerosissimos rebanhos, os quaes são ordinariamente seguidos de perto de leões, tigres, hyenas e outros animaes ferozes, que as assaltam para as devorar, como preza certa e de facil caça. Facil, dizemos, em razão de formarem rebanhos; pois que, se uma inyala vagueia solitaria, o que ás vezes acontece aos machos, o caçador que o persegue, seja homem ou fera, encontra grande difficuldade em a alcançar; tal é a sua ligeireza. E foi n'esta qualidade que a Providencia lhe poz a sua principal defensa; por quanto a doçura da sua indole e a brandura dos seus costumes impedem-lhe ser aggressora, e a sua timidez raras vezes lhe consente fazer rosto ao inimigo que a persegue, ainda que este seja simplesmente um cão.

Sustentam-se de plantas e raizes. Os seus costumes são parecidos aos das gazellas, das quaes os nossos leitores encontrarão noticia, acompanhada de uma gravura, a pag. 344 do vol. IV.

A gravura que publicâmos n'este logar é copiada de uma que adorna o diario da viagem de William-Charles Baldwin na Africa oriental, de que fallámos a pag. 21. Este illustrado viajante, que tantos serviços prestou ás sciencias, e com especialidade á geographia, durante a sua longa peregrinação de oito annos (1852 a 1860), através d'aquelles sertões africanos tão pouco conhecidos e tão ricos em todos os tres reinos da natureza, viu pela primeira vez as inyalas no paiz dos amatongas. A gravura representa, pois, uma paizagem d'essa região.

I. DE VILHENA BARBOSA.

AMOR DE CIGANA

(Vid. pag. 26)

II

Á NOITE NO LAGAR

O grito «Os arabes!» não poria nunca de certo em maior confusão uma aldeia christã, soando aterrador no meio dos folguedos das donzellas godas, do que este brado «Os ciganos!» poz em disturbio a alegre companhia da festa da azeitona.

O capellão levantou-se immediatamente, e largou a correr para se ir postar junto da nédia mula sacerdotal, que podia por acaso agradar á impia turba. O tenente poz-se tambem em pé, e jurou por Belzebuth que faria em fanicos o malandro que encontrasse a dar-lhe cabo das laranjas, ainda verdes, do pomar. Sylvestre de Azevedo levantou-se á pressa, e saiu de casa a fim de dar as ordens necessarias para que nada faltasse aos hospedes imprevistos. Estes são incapazes de violar a hospitalidade que recebem, em quanto lhes não recusam coisa alguma; mas, em não acontecendo assim, nada para elles é sagrado.

Antigo conhecedor dos usos e costumes d'essa raça,

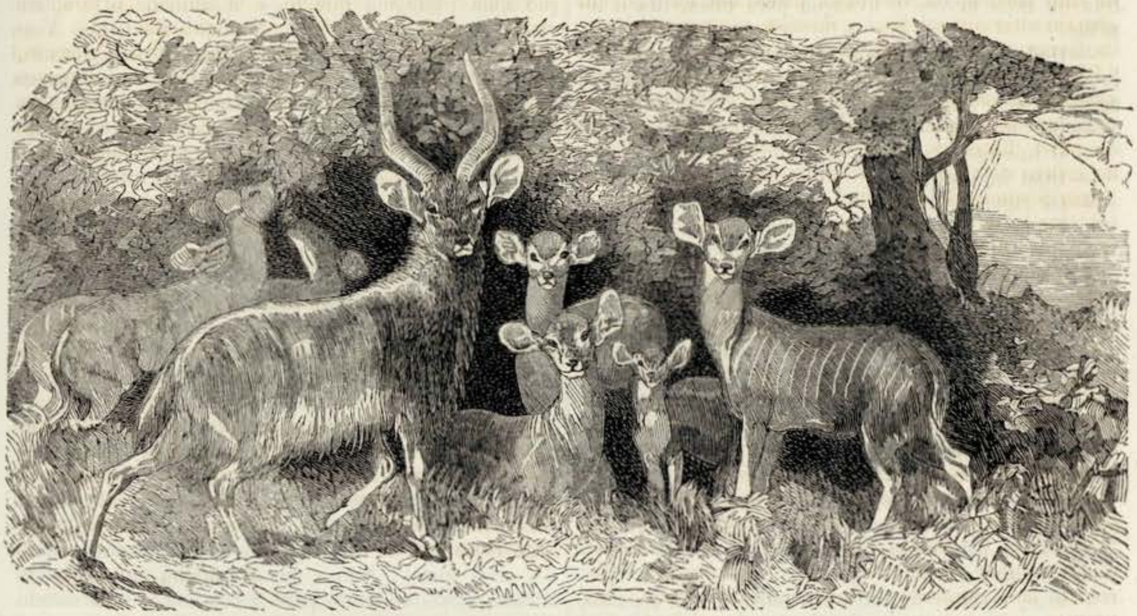
Sylvestre de Azevedo sabia que, n'esses aboletamentos forçados, o melhor é fazer boa cara, e que a arrogancia e a altivez só podem fazer brotar a chamma de um incendio inesperado n'algum dos celleiros da propriedade. Por isso elle saíu tão rapidamente da casa de entrada, como se lhe annunciassem que sua magestade vinha pernoitar na sua habitação.

— Artista que fraternisaste com os bandidos dos Abruzzos, disse Alberto; Salvador Rosa que percorreste a Calabria, embrulhado na tua capa de pintor, ao lado de Tristany; *touriste* que adormeceste com o o somno dos justos debaixo do docel fluctuante da tenda do kabyla; caçador de aventuras, inimigo figadal da banalidade, adorador do pittoresco *quand même;* Jorge da Silveira, ahi vem uma tentação artistica! Ahi vem uma horda de ciganos procurar-te, de ciganos, entendes tu, dos compatriotas da Esmeralda de Victor Hugo, da Meg Merrillies de Walter Scott, da Carmen de Mérimée, e d'essa suave creação de Maxime du Camp, cujo nome não me occorre agora. Estes ciganos vieram de proposito por tua causa! Sabiam que tu estavas aqui, sequioso de pittoresco, e disseram comsigo: «Vamos dessedentar o pobre pintor com uma bilha d'esse liquido. Sejamos pittorescos! Furtemos algumas cavalgaduras que encontrarmos no caminho, e, se elle tiver algum cavallo bonito, surripiemos-lh'o tambem, tudo no interesse da arte, e para não perdermos o colorido nacional». Que dizes tu a isto, Jorge?

— Digo que és um doido; mas que no fundo das tuas divagações de esturdio ha o seu fundo de verdade tal ou qual. Essa raça excentrica dos ciganos em Portugal, dos *gitanos* na Hespanha, dos *bohémiens* em França, dos *gypsies* em Inglaterra, dos *zingari* em Italia, dos *zigerner* na Allemanha e dos *tzigarny* na Russia...

— És uma torre de Babel n'essa especialidade.

— Essa raça excentrica, progrediu Jorge sem se importar com a interrupção do seu companheiro, é digna mais do que todas as outras da attenção do artista.



Inyalas

Mais ainda do que a raça hebraica, e com muito menos motivo, porque parece não ter jámais formado uma nação, conserva no meio de todos os povos uma notavel individualidade. Mistura-se com elles sem se confundir, e como o azeite que, por mais que se envolva com os outros liquidos, sobrenada sempre á superficie, assim os ciganos, por mais que mergulhem nas ondas da sociedade civilisada, fazem-se sempre conhecer pelos seus habitos originaes, e um tanto selvagens. Vamos vêl-os.

— Vamos.

E os dois estouvados pegaram nos chapeos e saíram.

Era uma noite clara e fria de inverno. As arvores baloiçavam-se brandamente, curvando-se ao sopro agreste da brisa. A lua illuminava a quinta com a sua luz pallida, e a sombra da casa projectava-se no chão do jardim. Chegando ao alpendre, Jorge e Alberto embuçaram-se bem nas capas, e desceram rapidamente a escada. Ao longe sentia-se o tropear de cavalgaduras, e um grande borborinho de fallas. Os dois amigos dirigiram-se para o sitio d'onde vinha o ruido.

Chegaram á porta da quinta ao mesmo tempo que os ciganos. Era realmente um panorama pittoresco.

As ciganas, com os seus cabellos negros fluctuando sobre os hombros, ou collados na cabeça em tranças fartas, com o seu trajo meio hespanhol meio extravagante, mas todas com os pés nús, vinham montadas em magnificos jumentos, ou em bons cavallos e machos, fructo provavelmente das rapinas da caravana. Cercavam-n'as os homens, caminhando todos a pé, uns com o chapéo redondo andaluz, outros com o barrete alemtejano. Pendiam-lhes da cintura as facas de matto, presas com os cordeis que enrolam nos pulsos para o jogo da *navaja*. Os rostos queimados, as barbas cerradas, davam-lhes uma apparencia de salteadores, que não era de certo desmentida pela fama de que essa raça goza. Algumas das mulheres conservavam ainda em todo o seu esplendor a formosura do typo oriental. E todo o grupo tagarellava, fallando n'essa lingua incomprehensivel, que elles conservam, e que tem escapado em parte ás investigações dos philologos. Os raios da lua, batendo n'aquelle montão de cabeças, davam um grande realce á feição original da caravana.

Jorge e Alberto, embuçados, de charuto na boca, viram entrar na quinta aquella torrente, que se es-

treitou para passar pela porta, e que immediatamente depois se espalhou pela quinta, apparecendo em grupos pittorescos, uns no meio das oliveiras, outros pelo meio dos canteiros, outros enterrando os pés descalços na areia das ruas, como um rio que, depois de atravessar um sitio apertado entre as duas margens, se espraia rapidamente assim que póde fazel-o, e não deixa ficar um reconcavo só sem o inundar com as suas aguas.

Os criados de Sylvestre de Azevedo vieram dar direcção á corrente. Perguntaram pelo chefe, e um homem alto, barbado, com cinto vermelho, saíu do meio do grupo. Indicaram-lhe o lagar como sendo a casa determinada para elles ficarem de noite, devendo fazer a comida na *arribana*, a fim de evitar qualquer desastre que resultasse de caír alguma faisca nas ceiras que havia no lagar, inutil por em quanto. O chefe accedeu, disse algumas palavras aos seus companheiros, e todos se dirigiram para o sitio indicado.

Jorge e Alberto voltaram então para casa. Quando atravessavam, conversando, um dos pomares mais proximos da habitação, uma figura humana saíu detraz de uma arvore e avançou para elles. Era o tenente.

— Onde está elle? — perguntou o digno militar brandindo um espeto de cozinha com a arrogancia de um godo, brandindo a *frankisk*.

— Elle quem? — perguntou Jorge.

— O inimigo.

— Qual inimigo?

— Os ciganos.

— Estão-se accommodando no lagar.

— Bom! bonito! tenho de acampar aqui toda a noite; vou chamar alguns criados, e organisar piquetes.

— Para que são esses preparativos guerreiros, sr. tenente? — perguntou Alberto com a maior ingenuidade.

— Para defender a minha propriedade. Hei de mostrar a esses bandidos que não se roubam impunemente as laranjas verdes de um dos 7500 do Mindello. Hei de lhes mostrar os meus recursos estrategicos.

— É inutil a batalha, retorquiu Jorge gravemente; os ciganos são respeitadores da hospitalidade. Mas pertence-lhe este pomar encravado na quinta de Sylvestre de Azevedo?

— Sim, senhor, respondeu o tenente com orgulho, foi-me legado pelos meus antepassados.

— Não sei como se não desfaz d'elle! O dono da quinta comprava-lhe esse pomar pelo dobro do seu valor.

— Mas não o vendo eu. Hei de transmittil-o aos meus descendentes. A proposito, continuou quando os dois amigos se despediam d'elle, mandem-me para cá alguns dos criados, e recommendem-lhes que tragam armas. Quero estabelecer nas minhas fronteiras um cordão de sentinellas. Talvez até organise fortificações. Não se esqueçam.

E o bom do tenente embainhou a espada, ou antes enfiou o espeto por uma das casas da sobrecasaca, e foi collocar-se de novo no seu posto por detraz de uma arvore.

Iam já os dois a subir a escada, quando receberam uma nova interpellação.

Saíu um rosto bochechudo da porta da cavallariça, e, olhando para cima, perguntou:

— Já se foram?

Era o capellão, o qual, como dissemos, se tinha ido collocar ao pé da sua mula. Alberto parou, ouvindo o som da voz, e, debruçando-se, reconheceu o seu hospede.

— Que está ahi a fazer, padre capellão?

— Estou aqui ao pé da mula. O meu amigo não fazia mal se viesse para cá. O seu cavallo tambem corre algum risco. Não quero que a minha mula mude de dono, e vá parar á mão d'esses malditos, que não tem eira nem beira. Nada! cautela e caldo de gallinha nunca fizeram mal. Elles já não estão na estrada?

— Estão no lagar.

— Bom! bom! o melhor é irmos para casa pôrmonos a salvo. De mais a mais o seu cavallo tem andado aos coices com as cavalgaduras de cá, e eu tenho-me visto em calças pardas para as accommodar. Safemo-nos, safemo-nos!

Alberto ainda quiz pôr algumas duvidas; mas o bom do padre fez uma tal oração *pro mula sua*, que obrigou o seu hospede a ceder. Este despediu-se de Jorge, e desceu de novo a escada para acompanhar na retirada o digno capellão. Jorge continuou a subir.

Estava já deserta a casa da entrada. A apparição dos ciganos havia produzido uma tal confusão, que tinha esmorecido a festa, e feito dispersar a pouco e pouco os alegres varejadores. Jorge retirou-se para o seu quarto.

Já ia o sol bem alto, quando o nosso artista, que, devemos dizel-o, não poderia pintar com muita exacção uma paizagem que fosse illuminada pelo suave clarão das madrugadas, se levantou da cama. Vestiu-se, e, depois de almoçar, accendeu um charuto, abriu a janella, e começou a contemplar as espiraes de fumo que se elevavam lentamente na atmosphera limpida de um bonito dia de novembro. N'esta pseudo-occupação levava horas inteiras o bom do meu heroe. Acredite o leitor que treme indignada a minha penna ao traçar estas linhas, nas quaes me vejo obrigado a contar este acto de *lazzaronismo* de Jorge da Silveira.

N'esse dia porém não era só na ascensão do fumo do charuto que se iam os olhos do pintor. O aspecto da escada e do alpendre prendia-lhe tambem a attenção. A escada transformára-se n'uma especie de escada de Jacob, com a só differença de que, em vez de serem anjos os que subiam e desciam, eram simplesmente ciganos e ciganas.

Nunca viu o leitor um enxame de abelhas, as quaes, saíndo da colmeia e volteiando no jardim, uma rouba á rosa o odorifero succo, outra páira em torno do branco jasmim até lhe ir poisar na corolla, outra pendura-se das graciosas pétalas do cravo, e voam depois zunindo a levar para a habitação o producto dos seus furtos? Nunca viu a azafama em que ellas andam, umas voltando para a colmeia, outras saíndo d'ella, outras volteiando por entre as flores? Ou antes, e a comparação será mais exacta, ainda que menos poetica, nunca viu um carreiro de formigas, saíndo da sua cova para irem buscar os provimentos, não descançando um instante, de sorte que durante muito tempo se conserva o chão negro da multidão andarilha? Pois assim estavam os ciganos e ciganas, subindo e descendo a escada, um a pedir couves, outro a pedir vinagre, outro a pedir toucinho, outro sal; uma morenita, solto o cabello de azeviche, a pedir azeite, que é o *pat-chouli* de que ellas se servem para conservar lustrosas as suas tranças, e a escada sempre coalhada, e o alpendre sempre inundado d'essa multidão, descendo uns com as garrafas e os pucaros cheios, outros subindo com as mãos vazias para pedirem alguma coisa de que necessitassem.

Estava Jorge da Silveira observando curiosamente este quadro, quando um novo incidente chamou a sua attenção para outro lado. Um bom cavallo, arreiado á hespanhola, parára quasi por baixo da janella do seu quarto, e um cigano admiravelmente vestido, e de uma notavel gentileza de feições, saltára com presteza ao meio do chão, e pondo um joelho em terra, apresentára outro com a *galanterie* mais requintada, para que uma rapariga, que trouxera na garupa do cavallo, se podesse apeiar mais facilmente.

Era a recem-chegada a expressão mais completa da formosura cigana. A tez morena, os olhos negros rasgados com um não sei quê de selvagem e vago no olhar, o cabello negro com esses reflexos azulados que possue a aza do corvo, enrolado em tranças deliciosas e fartas, que lhe inundavam o pescoço, ondulando sobre as roupinhas. A bocca vermelha como a romã (velha comparação que ha de subsistir em quanto algum outro fructo não tiver para com os poetas a delicada condescendencia de se purpurear tambem). Os dentes alvissimos! O pé descalço de um mimoso de fórmas a provocar a botinha de setim, a qual, como diz com razão Julio Machado, se vê constrangida a calçar por ahi tanto pesunho!

Todas estas observações fizera n'um relancear de olhos o nosso amigo Jorge da Silveira com o consciencioso escrupulo de um verdadeiro artista.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

RELATORIO ANNUAL

DA ESCHOLA INSTITUIDA PELO SR. CASAL RIBEIRO

Como inspector d'esta eschola vou dar conta das occurrencias do seu quarto curso. Seguirei na exposição dos factos a mesma ordem adoptada nos precedentes relatorios, para mais facilidade das comparações.

Principiou o anno lectivo com 39 alumnas, 35 das quaes passaram do curso anterior, e 4 foram novamente matriculadas. Durante o anno lectivo entraram 28 e saíram 18: por ausencia voluntaria 11, fallecida 1, e 3 por faltas repetidas; sendo as primeiras despedidas d'esta eschola desde a sua fundação, porque já cumpria dar algum exemplo n'este ponto.

Encerrou-se o curso com 45 alumnas, que repartidas pelas edades apresentam: 14 de 10 a 16 annos, 25 de 5 a 9, e 6 de menos de 5. Decomposto o mesmo numero pelo tempo de matriculadas, ha 12 desde a fundação da eschola, ou com 4 cursos completos; 4 entre 3 e menos de 4 annos; 3 entre 2 e menos de 3; 6 entre 1 e menos de 2; e 20 de 1 a 10 mezes de admittidas. Entre estas ultimas uma só tinha algum ensino quando se matriculou, e todas as mais eram analphabetas.

No anno escholar, de fevereiro a fim de dezembro, houve 206 dias uteis, em que se deram 5:393 lições por ouvintes; sendo 4:524 ás alumnas que chegaram ao fim do curso, e 869 ás que o deixaram.

O mez de maior frequencia foi abril, com a média diaria de 30: novembro o de menor, com a média de 20. A média diaria em todo o anno, sobre a frequencia das alumnas que terminaram o curso, foi de 22; e de 26 em relação a todas. A média de lições aproveitadas, ou dias de frequencia de cada uma das actuaes alumnas, foi de 100.

As faltas totaes foram 3:161; por doença allegada 610, e sem causa conhecida 2:551; d'onde resulta 14 para média diaria no anno, em relação a todas as discipulas. Quanto ás actuaes, deram 2:559 faltas; resultando 56 para cada uma como média diaria ou faltas dadas por todas em commum.

De tudo resulta, em termos arithmeticos, que a respeito das actuaes alumnas, as faltas estão para as frequencias na razão de 12 para 22, ou que a cada 22 dias de frequencia correspondem 12 faltas, pouco mais de metade. No curso precedente a analoga razão foi de 34 para 56. Reduzindo, para clareza da conclusão, estas duas razões geometricas ao mesmo denominador ou termo de comparação, temos no ultimo curso as faltas para as frequencias como 168 para 308, e no anterior 187 para os mesmos 308.

Vê-se, pois, que a frequencia melhorou, ainda que mui pouco, apesar de para isso empregar os mesmos meios e mais alguns, que no curso precedente.

Em todos os relatorios tenho tido que lamentar a grande quantidade de faltas, mal infelizmente commum a quasi todas as nossas escholas, e sobre o qual escuso accrescentar mais reflexões ás que expendi nos ditos relatorios.

É muito de esperar que algumas recentes providencias, como a creação das escholas normaes, a diffusão do methodo portuguez, sua consequencia, a inspecção periodica das aulas primarias, e a formação das commissões locaes para as vigiar e proteger, melhorando a instrucção popular, hão de influir para ser mais aproveitada pelas classes sociaes que hoje tanto a descuram.

A fim de excitar o estudo e a emulação entre as discipulas, foram 22 examinadas publicamente em 8 de agosto; em leitura, doutrina, escripta, arithmetica, e systema metrico.

Os examinadores foram os srs. Luiz da Costa e Sousa, Antonio Servulo da Matta, José Fernandes Henriques, Antonio Pedro Silves Ferreira, e Manuel Salvador Vieira, alumnos mestres da eschola normal de Marvilla; e o sr. José Maria de Brito Queiroga, professor regio na freguezia de S. Mamede, preparado na mesma eschola.

Nas apreciações d'estes srs., consignadas nos mappas de n. 14 a 16, que estão patentes, predominam em grande maioria os *optimos* e *bons*. É agradavel mencionar, que na casa das observações dos ditos mappas, em relação á discipula Maria da Nazareth, se lê o seguinte: «Ponho-lhe sómente optimo na leitura e doutrina, porque não ha classificação superior». E ácerca das alumnas Maria da Madre de Deus e Oliveira, Cecilia Adelaide da Purificação Marques, e Joaquina Maria Alvaro, ha esta nota: «Foram tambem examinadas em quebrados e satisfizeram completamente». Esta especie não entrava no programma dos exames, a que obsequiosamente assistiram os srs. Luiz Filippe Leite e Antonio Maria Baptista.

No fim d'estes exames foram distribuidos como premios alguns objectos que haviam sobejado de similhante distribuição no fim do anterior curso, e couberam á maior parte das examinadas.

Em 22 de janeiro ultimo houve os exames annuaes, segundo o costume. Propozeram-se 29 alumnas; 25 nas disciplinas ordinarias da eschola, mas faltaram 2; e 4 para exercicios de ensino ou regencia da aula, que muitas vezes praticam, ajudando as sras. professoras.

As primeiras foram examinadas pelos já mencionados srs. professores Antonio Maria Baptista e José Maria de Brito Queiroga; e pelos alumnos mestres do segundo grão da eschola normal, os srs. Costa Sousa, Matta, Jeronymo Curado de Oliveira, Filippe Antonio Jorge, Gustavo Adolpho Robim Gorjão, José da Cruz Migueis Alfaia, Francisco Joaquim de Campos Rodrigues, e José Fernandes Henriques. Todos, com auctorisação do respectivo director o sr. Luiz Filippe Leite, cortezmente se prestaram a esta tarefa, que desempenharam com o acerto e esmero que tanto credito dá áquelle excellente estabelecimento.

Das 23 examinadas, foram-no 13 em leitura por elementos, 12 em leitura corrente, 7 em escripta na pedra, 8 em escripta no papel e dictada, 23 em doutrina, 10 em arithmetica, e 8 em systema metrico.

Nas respectivas apreciações predominam as mais favoraveis. No total de 81, houve 20 muito bem, 36 bem, 19 soffriveis, e 6 más.

Tambem foram examinados, Tancredo Caldeira, de 7 annos de edade, que anda cursando a eschola annexa á normal de Marvilla; e duas meninas que adventiciamente frequentam esta aula. Todos obtiveram boas apreciações.

É de notar que as examinadas em doutrina christã, que foram todas as 23, obtiveram: 11 *muito bem*, 11 *bem*, 1 *soffrivel*, e nenhum mau, apesar de serem algumas de tenra edade. Nos exames em agosto, de que já fallei, deu-se a mesma circunstancia; houve no total de 22 examinadas, 2 *optimos*, 18 *bem*, 2 *soffriveis*, e nenhum mau.

Este resultado prova o cuidado que, n'esta parte tão essencial do ensino primario, tiveram as sras. professoras, coadjuvadas pelo digno parocho d'esta freguezia, o reverendo P. Justino Teixeira Guedes, que sempre uma ou duas vezes por semana veiu doutrinar as alumnas, com o desvelo proprio do seu sagrado ministerio.

Cabe dizer aqui, que entendo que ao ensino da doutrina se deve juntar nas escholas primarias a pratica dos deveres e actos religiosos, e de accordo com as disposições do decreto regulamentar de 20 de dezembro de 1850, no capitulo IV, artigo 17 e seguintes, dispuz que nos dias sanctificados tambem se reunissem as alumnas na aula, para na companhia de suas professoras irem á missa do dia na freguezia. Assim se praticou, mas com interrupções e apenas em 16 domingos, por falta de concurrencia, que nunca foi maior de 24 nem menor de 5.

Com o mesmo intuito, e fundado no referido decreto, fiz com que as alumnas chegadas á edade propria da confissão e communhão, fossem com suas mestras cumprir estes preceitos da egreja, o que se verificou no mez de março. Confessaram-se 25, das quaes receberam a eucharistia 10; sendo pela primeira vez 13 d'aquellas e 5 d'estas.

Taes obrigações são, em geral, pouco cumpridas pelos professores das escholas primarias. É necessario, a meu ver, suscitar sua rigorosa execução, por meio das inspecções, e exigindo-se na estatistica das mesmas escholas, os dados relativos a este importante assumpto.

Assim se remediaria em parte a incuria, o desamor, o crime mesmo direi, de tremenda responsabilidade, em que incorrem muitos paes e mães de familia, quando deixam crescer seus filhos sem lhes ensinar doutrina, mesmo a mais elementar, nem as praticas mais naturaes, não digo só aos christãos, mas a todos os homens: orar a Deus, e frequentar seus templos!

Infelizmente é a experiencia d'esta eschola que me leva a reflexões taes.

Entre as meninas que pela primeira vez se confessaram, houve algumas de 9, 10 e 11 annos; e de 12 e 13 entre as que receberam a communhão, tambem pela vez primeira. Das que tem ido á missa, algumas de 8 a 10 annos nunca a tinham ouvido. Até entre as alumnas presentes, está sentada uma de quasi 11 annos de edade, que vivendo com seu pae e mãe, e residindo n'esta freguezia ha mais de quatro annos, muito proximo da egreja parochial, declarou nunca haver entrado n'ella, nem ouvido missa n'este espaço de tempo! Occulto seu nome e o de seus paes; não por elles, mas por ella, e pelo respeito que, ainda assim, lhes deve ter. Judiciosamente diz o insigne poeta que me escuta, o sr. A. F. de Castilho, no hymno, que diariamente se canta n'esta eschola:

> «Rindo a eschola nos quer bem;
> «Tem a mestra em nós amigas
> «Temos n'ella amiga e mãe.

Sim: a mestra, a eschola-mãe, dará a esta filha, mais que na existencia lhe deram seus progenitores: a crença e a dignidade moral.

Estes e muitos outros similhantes e desgraçados exemplos, merecer devem grave attenção aos que dirigem ou se interessam nas coisas da educação, e mui particularmente aos srs. parochos. Além do que é missão e essencial dever d'estes, cumpre combater pela eschola contra a ignorancia e contra o espirito e a propaganda da descrença que mina a sociedade moderna, e que vae penetrando nas ultimas camadas sociaes, produzindo em todas ellas seus funestos effeitos.

Se queremos melhorar a nova e as futuras gerações, não tratemos só de as instruir; mas tambem e juntamente, se os deveres paternos forem esquecidos, de lhes communicar a fé, as praticas e as virtudes christãs; sem o que não póde haver verdadeiro progresso, nem ordem, liberdade, e patria.

Para os premios do novo curso serão tidos em mui particular consideração os costumes religiosos, e a frequencia á missa.

Releve-se-me esta natural digressão, e volto a tratar da segunda parte dos exames. Já disse que 4 alumnas se propozeram a exercicios de ensino ou regencia de aula. Foram Maria da Madre de Deus Oliveira, Cecilia Adelaide da Purificação Marques, Joaquina Maria da Purificação Alvaro, e Agueda Custodia dos Anjos Casse. As tres primeiras já no anno precedente foram examinadas com especial rigor, como principaes monitoras ou ajudantas das sras. professoras.

Satisfizeram completamente ao illustradissimo jury, composto pelos srs. Luiz Filippe Leite, Antonio Maria Baptista e Antonio da Silva Tullio, presidido pelo sr. Antonio Feliciano de Castilho.

Resolveu o mesmo jury passar-lhes attestados ou diplomas, para lhes aproveitar em qualquer pretenção á profissão de mestras, que já então desejavam seguir, e ainda desejam.

Por estas circumstancias, e por terem as ditas tres alumnas continuado a aperfeiçoar-se e a distinguir-se na eschola, entendi que poderiam juntamente com a outra, propor-se a provas praticas no modo de a reger; isto é, que repetissem no dia dos exames o que quasi diariamente praticam, ensinando as suas condiscipulas como ajudantas das sras. professoras.

O exito, porém, não correspondeu á minha expectativa. O numeroso e entendido auditorio, que inesperadamente concorreu n'aquelle dia; o respeito pelas qualificadas pessoas que se dispunham a julgal-as; a falta, que confesso commetti, de não as ter consultado préviamente sobre o melhor methodo a seguir n'esta especialidade de exames; e principalmente a natural timidez do sexo, tudo influiu, a meu ver, para a perturbação em que ficaram.

No entanto, isto em nada affectou, no espirito dos seus julgadores, o bom conceito estudioso em que eram tidas aquellas alumnas, e os progressos que fizeram n'este curso.

Além das excellentes qualificações que obtiveram nos exames em agosto, o sr. José Joaquim Serra, distincto professor da eschola annexa á normal, visitando a eschola poucos dias antes, viu-as n'aquelles exercicios, e muito as applaudiu. O sr. commissario dos estudos, que se dignou vir assistir aos ultimos exames, tambem pouco antes em visita repentina de inspecção, lhes dirigiu varias perguntas, e se deu por muito satisfeito. Permitta-se-me transcrever aqui, para credito d'esta eschola, as palavras que por essa occasião o sr. Ghira deixou consignadas no livro respectivo.

«Na qualidade de commissario dos estudos e inspector das escholas de instrucção primaria, visitei esta eschola no dia 11 de janeiro de 1864. Pelo que observei é digna de todo o elogio a respectiva professora, pela boa ordem da eschola, e adiantamento das alumnas».

Entendo, pois, que aquelle incidente não deve prival-as de serem alumnas benemeritas, como sempre o tem sido, e de entrarem como taes no numero das premiadas.

(Continua) CARLOS JOSÉ CALDEIRA.